



# a Voz do Operário

INFORMAÇÃO **140** ANOS  
com CLASSE

Fundado em 11 de outubro de 1879 pelos operários manipuladores do tabaco  
ANO 141 NÚMERO 3075 MENSÁRIO PREÇO €0,50 PORTE PAGO CABO RUIVO - TAXA PAGA  
FEVEREIRO 2019 DIRETOR DOMINGOS LOBO JORNAL REGIONAL DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA



ENTREVISTA

## José Manuel Jara

É uma das vozes mais respeitadas quando se trata de abordar a questão da saúde mental. Foi diretor de serviço no Hospital Júlio de Matos e é um dos fundadores da Associação de Apoio aos Doentes Depressivos e Bipolares. Escreveu vários livros e pertence ao Conselho de Ética da Ordem dos Médicos. **págs. 8 e 9**



INTERNACIONAL

## Médio Oriente, na mira do império

Não há nada mais parecido com um barril de pólvora do que o Médio Oriente. Sob milhões de vidas que gostariam tão somente de poder viver em paz, jazem riquezas naturais que despertam desde sempre

a gula dos Estados Unidos e das principais potências da União Europeia. O imperialismo impõe a recolonização de uma região semeando cada país de bombas e metralha. **págs. 6 e 7**



## Aeroporto de Lisboa em debate

A discussão sobre qual a solução a adoptar para resolver o problema do esgotamento da capacidade física de expansão do Aeroporto de Lisboa, devido às limitações legais físicas e ambientais, levou o governo a apresentar uma solução que populações e organizações defendem ser uma imposição da VINCI. É um debate que vai ter lugar também n'A Voz do Operário. **pág. 10**



## Protestos contra insulto dos 0,3%

Centenas de serviços públicos e instituições fecharam devido à greve dos trabalhadores de diversos setores, que estão em protesto contra "propostas insultuosas do governo" como o aumento salarial de 0,3%, lembrou a Frente Comum. As ruas de Lisboa encheram-se com um rio de gente que desembocou em frente à residência oficial do primeiro-ministro para contestar o Orçamento. **pág. 13**



## A VOZ DO OPERÁRIO Cabeleireiro: a arte das tesouras

São muitas as valências de uma instituição que cumpre 137 anos de história. Sérgio Paixão corta o cabelo n'A Voz do Operário a gente de todas as idades há mais de cinco anos, um serviço com papel social. **pág. 3**



## Há 75 anos, a libertação de Auschwitz

Foi a 27 de janeiro que soldados do Exército Vermelho abriram os portões de Auschwitz, na Polónia, depois de fazerem recuar a máquina de guerra nazi num avanço que só acabaria em Berlim com a rendição incondicional dos homens de Adolf Hitler. Neste campo de extermínio, mais de 1 milhão de pessoas foram objeto de assassinatos de proporções inimagináveis com métodos bárbaros. **pág. 14**

## CINEMA



Henrique Espírito Santo (1931-2020)

# Uma Vida Conspirada

Sérgio Dias Branco, professor universitário

A história do cinema português tem sido escrita com ausências que fazem esquecer a sua dimensão colaborativa. A arte do cinema nasce do esforço colectivo. Henrique Espírito Santo soube isso como poucos e essa consciência fez dele uma figura marcante.

A sua ligação ao cinema começou na década de 1950, no movimento cineclubista. Foi dirigente do cineclubes Imagem entre 1954 e 1970. Os seus textos críticos para jornais diários e revistas como a *Seara Nova* e a *Vértice* prolongaram o trabalho de divulgação e discussão desses espaços. Os cineclubes eram lugares de liberdade e luta antifascista. “O cineclubismo foi o grande movimento cultural de massas antes do 25 de Abril”, lembrava ele. Para ele, os cineclubes continuam a ter um papel fundamental a desempenhar. Afirmou isso há seis anos, quando foi homenageado no Fantasporto, em forma de apelo: “Os cineclubes continuam, há uma federação, e é preciso

que estejam atentos e lutem ao lado dos cineastas, das associações de realizadores, das associações de produtores, de técnicos, porque estamos de novo numa situação difícil.” Uma situação difícil que permanece.

Tinha-se tornado militante do Partido Comunista Português (PCP) em 1957. Em 1963, foi preso pela PIDE e condenado sob a acusação de *animus conspirandi*, por actividades ligadas ao sector de espectáculos do PCP. Esteve encarcerado mais de um ano. Foi acusado de ser conspirador e era-o. Foi-o sempre. Se ser conspirador é um crime, foi um crime de uma vida.

Em 1966, tornou-se profissional de cinema. Trabalhou com José Fonseca e Costa na Unifilme, criada em 1967. Entre 1972 e 73, esteve associado ao Centro Português de Cinema, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, que impulsionou o Novo Cinema Português, movimento de ruptura estética, cultural e social. Fundou a Cinequanon em 1974, com o director de fotografia Elso Roque, entre outros, e a Prole Filme em 1976, com o realizador

Luís Filipe Rocha. Embora tivesse trabalhado como actor, foi na produção que construiu uma carreira.

Depois da Revolução de Abril, fez parte do Núcleo de Produção do Instituto Português de Cinema. Integrou o Colectivo dos Trabalhadores da Actividade Cinematográfica que filmou *As Armas e o Povo*, entre 25 de Abril e o 1.º de Maio de 1974. Foi membro da Célula do Cinema do PCP, que produziu o mordaz *As Desventuras do Drácula Von Barreto nas Terras da Reforma Agrária* (1977). Nele desempenhou o papel da personagem do título, inspirada em António Barreto, Ministro da Agricultura e Pescas do Partido Socialista, destruidor do processo libertador da Reforma Agrária.

Entre 1978 e 1980, foi professor de produção na Escola de Cinema do Conservatório e em Angola. O caderno *Produção de Filmes* resultou destas aulas. O seu trabalho de formação profissional na área da produção marcou profundamente o cinema português. O seu percurso como director de produção começou em 1971, com *O Recado* de Fonseca e Costa. Entre os filmes cuja produção dirigiu contam-se peças centrais do cinema português como *A Promessa* (1972) de António de Macedo, primeiro filme português seleccionado para o Festival de Cannes, *Jaime* (1974) de António Reis, *Benilde ou a Virgem-Mãe* (1975) e *Amor de Perdição* (1979) de Manoel de Oliveira, e *O Bobo* (1987) de José Álvaro Morais, primeiro filme português premiado no Festival de Locarno. Trabalhou ainda com outros cineastas notáveis como João César Monteiro, Margarida Gil, João Mário Grilo, Solveig Nordlund, Alberto Seixas Santos, e Jorge Silva Melo. O documentário *Até Amanhã, Henrique!*, realizado em 2017 por Miguel Cardoso, fixa o essencial dessa história que se confunde com a do cinema português.

A sua dedicação foi reconhecida com um prémio da Academia Portuguesa de Cinema em 2014 e um ciclo e catálogo da Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema em 2016. O seu nome é incontornável porque ele não contornou dificuldades, nem cultivou amarguras. Defendeu o cumprimento do dever social do estado no financiamento da cultura, permitindo o risco da criação e garantindo a diversidade de opções estéticas. Teve a coragem de um conspirador generoso e solidário por outra sociedade, livre da vampirização humana, empenhado na cultura como campo humanista de convivências.

## Sugestões culturais:

Novas edições do marxismo-leninismo  
Edições Avante!



No ano em que se comemoram os 200 anos de Engels e os 150 anos de Lênine, editam-se e reeditam-se obras fundamentais para o estudo e difusão do pensamento socialista. É de destacar a edição inédita, com tradução de José Barata-Moura, da obra *Anti-Dühring* que, nas palavras de Lênine, é uma das obras onde o pensamento de Marx e Engels é exposto com «maior clareza e pormenor».

Coro do Teatro Nacional de São Carlos  
CCB - 9 fev.



A *Sinfonia n.º 9* em Ré Menor de Anton Bruckner (1824-1896) é levada ao Grande Auditório do CCB. Bruckner deixou incompleta esta monumental obra, estreada postumamente em Viena em 1903. Parece ter sido o próprio compositor, temendo não conseguir terminar a obra (dedicada «ao amado Deus»), a sugerir o uso do seu próprio *Te deum* como *finale*.

Pastéis de nata para Bach  
Teatro Joaquim Benite - 22, 23 e 25 fev.



À luz das velas, comendo nozes, empunhando uma caneta de pena que é também uma batuta, Bach compõe a sua *Cantata BMW 147*, uma música que torna religiosa até mesmo uma pedra muito surda e teimosa – uma música que parece mesmo que está à procura e que parece mesmo que faz perguntas! Bach (1685-1750) é considerado “o Shakespear da música clássica”.

Jean Grémillon – O Outro Gigante  
Cinemateca - fev.



Em fevereiro, a Cinemateca apresenta uma retrospectiva da obra de Jean Grémillon (1901-59), um dos grandes nomes do cinema francês clássico, mas também um cineasta maldito, que teve vários projetos frustrados, sem nunca ter sido reconhecido que merecia, apesar da admiração de críticos, historiadores e colegas.